



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINARES

SEBASTIÃO SILVA

O TRABALHO COMO CONSTITUINTE DA VIDA DOS JOVENS
E ADULTOS DA EJA

Campina Grande-PB
2014

Sebastião Silva

O TRABALHO COMO CONSTITUINTE DA VIDA DOS JOVENS E ADULTOS DA EJA

Monografia Apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos Da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de especialista.

Orientador: José Marciano Monteiro

Campina Grande-PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586t Silva, Sebastião.

O trabalho como constituinte da vida dos Jovens e adultos da EJA [manuscrito] / Sebastião Silva. - 2014.
31 p.

Digitado.
Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Me. José Marciano Monteiro, Educação".

1. EJA. 2. Trabalho. 3. Formação. 4. Capitalismo. 5.
Formação. I. Título.

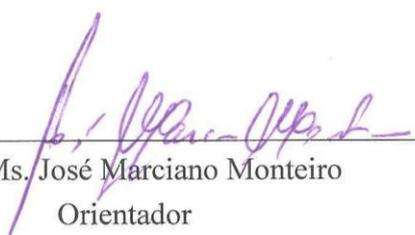
21. ed. CDD 374

SEBASTIÃO SILVA

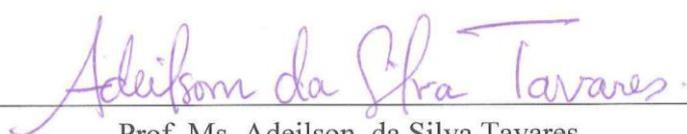
O TRABALHO COMO CONSTITUINTE DA VIDA DOS
JOVES E ADULTOS DA EJA

Monografia Apresentada ao Curso de Especialização
Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba,
em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de
especialista.

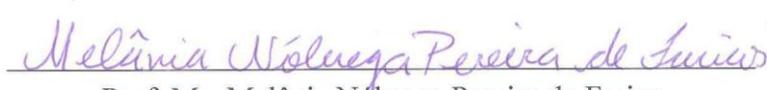
Aprovada em: 06 / 12 2014



Prof. Ms. José Marciano Monteiro
Orientador



Prof. Ms. Adeilson da Silva Tavares
Examinador



Prof. Ms. Melânia Nóbrega Pereira de Farias
Examinadora

DEDICATÓRIA

À minha família, professores e amigos pelo o entusiasmo e confiança que me dedicaram durante todo a pesquisa.

RESUMO

A presente pesquisa tem como propósito analisar a problemática da inserção dos jovens e adultos da EJA na atual conjuntura social que se dá através da formação voltada para o mundo do trabalho capitalista a partir das reflexões do alemão Herbert Marcuse. Neste universo ideologicamente totalitário marcado pela racionalidade do trabalho capitalista torna-se fundamento para a constituição objetiva e subjetiva do indivíduo e do seu “ethos”, determinando, portanto, modos de vida. Mas segundo o filósofo essa racionalidade do trabalho imposto aos indivíduos como única forma de vida vem acompanhado de sofrimento, de sacrifício, de recusa da fruição, de subserviência do sujeito e de dominação, a qual oferece elementos, principalmente ideológico, que preparam a racionalidade necessária para fazer valer os avanços do modo de produção, do consumo e progresso técnico na atualidade. Nesta sociedade administrada ou unidimensional, revela-se uma dominação através das instituições sociais, principalmente a educacional, igualmente intensificada pela ausência de liberdade e de emancipação dos indivíduos. É preciso, portanto, pensar de forma crítica, o desempenho das instituições educacionais.

Palavras-chaves: Eja, trabalho, Formação, capitalism, Emancipação

ABSTRACT

This research aims to analyze the problem of integration of young people and adults in the EJA current social setting that is through training geared to the world of capitalist labor from the reflections of the German Herbert Marcuse. In this universe marked by ideologically totalitarian rationality of capitalist labor becomes the foundation for objective and subjective constitution of the individual and their "ethos" , determining therefore lifestyles . But according to this philosopher rationality of work imposed on individuals as the only way of life comes with suffering, sacrifice, refusing to fruition , the subject of subservience and domination , which offers elements mainly ideological , preparing rationality required to enforce advances the mode of production , consumption and technological progress today. In this society administered or unidimensional, reveals a domination through social institutions, especially educational, also intensified by the lack of freedom and emancipation of individuals . It is therefore necessary to think critically, the performance of educational institutions .

Palavras-chaves: Eja,work, training, capitalism, emancipation

SUMÁRIO

Introdução.....	08
Caminhos da pesquisa.....	10
Capítulo I	
Herbert Marcuse e o século XX.....	10
1.1. Herbert Marcuse e o cenário histórico do século XX.....	11
1.2.Sociedade Unidimensional.....	12
1.3.Estado Totalitário.....	14
Capítulo II	
A racionalização e a mecanização no mundo do trabalho capitalista.....	17
2.1A racionalização e a mecanização do trabalho capitalista ou a semiformação através do trabalho capitalista.....	17
2.2 Progresso, trabalho e liberdade humana.....	18
2.3 A educação para liberdade e emancipação do trabalho capitalista.....	20
Capítulo III	
O trabalho na formação e na inclusão social do individuo da EJA.....	24
3.1O trabalho como constituinte da vida dos jovens e adultos da EJA (alunos da EJA que se encontram atualmente no mercado de trabalho).....	25
3.2 A formação como constituinte da vida dos Jovens e adultos da EJA.....	26
3.3 O trabalho capitalista versus trabalho solidário: em busca de uma alternativa viável.....	28
3.4 O trabalho como constituinte da vida dos indivíduos: formando sujeitos autômatos (Alunos da EJA que se encontram atualmente fora do mercado de trabalho).....	29
Considerações finais.....	31
Referências.....	32
Apêndice	31

INTRODUÇÃO

Os indivíduos das sociedades industriais avançadas, ou, naquelas em processo de desenvolvimento, usufruem, cada vez mais de um padrão de vida confortável e suave. São sociedades em que o sistema econômico, político, social e cultural, são organizadas e mantidas pela indústria tecnológica fruto da política do capitalismo. O aumento do poder econômico eleva a produção e o consumo de bens materiais e intelectuais nestas sociedades, sendo assim, quanto maiores forem as necessidades dos indivíduos, maiores serão as quantidades de bens e serviços empregados pela indústria tecnológica para satisfazê-las. O progresso científico e tecnológico empregado para elevar a quantidade produtiva de bens e serviços, consequência da elevação do consumo nas sociedades tecnocráticas adquirem valor negativo no seio destas sociedades, pois não militam em favor do progresso humano, uma vez que só uma pequena parcela da população se beneficia do acúmulo do capital ali gerenciado, pois não geram conhecimento que promova a autonomia intelectual e moral dos indivíduos, bem como, não gera a emancipação dos indivíduos do trabalho capitalista: assalariado, competitivo e excludente. Na sociedade da abundância, ele é basicamente adaptativo e serve à reprodução das desigualdades sociais, à opressão.

Podemos conjecturar que a indústria técnica sob as bases da economia capitalista não difundem apenas um estilo de vida, ou seja, todos os indivíduos consomem os mesmos produtos e as mesmas marcas, podem frequentar os mesmos espaços sociais, possuem a liberdade de escolher dentre as inúmeras comodidades que a indústria técnica dispõe e que melhor irá trazer satisfação, sofisticação e bem-estar, mas cria uma falsa consciência de emancipação social e de uma aparente autonomia individual, fazendo de sua ideologia, cujas bases intelectuais representam as ideias e os ideais da classe dominante serem executadas e pensadas por todos, que, segundo Marcuse (1964) “a livre comunicação de pensamento e de opiniões no seio da sociedade tecnocrática ou capitalista já não promovem subversão”.

A pesquisa aqui desenvolvida se propõe a analisar se a educação que é oferecida aos jovens e adultos na sociedade atual, de base capitalista, tem contribuído para uma formação que aponte para a emancipação dos indivíduos do trabalho racionalista, visto que esse sob o efeito da economia neoliberal, da sociedade do consumo e da cultura tecnológica tem colaborado para dominação e exploração cada vez mais eficazes do homem e da natureza, e não para a liberdade dos indivíduos e para uma humanidade ou sociedade mais solidária e justa. Pretendemos mostrar que essa inserção ou reinserção de jovens e adultos na escola tendo como mola propulsora o mundo do trabalho, mesmo sendo o trabalho capitalista, pode ser o início de uma ação transformadora mais ampla da vida daqueles sujeitos. Portanto, a escola deve assumir uma de suas funções sociais mais importantes que é o de formar sujeitos livres e conscientes do seu papel de cidadão na sociedade.

O presente trabalho apresenta-se dividido em três capítulos. O primeiro tratando do contexto histórico e dos conceitos de Sociedade Unidimensional e Estado Totalitário essenciais para compreender as ideias do filósofo Herbert Marcuse, pensador da escola de Frankfurt que irá compor a fundamentação teórica e crítica desse trabalho; o segundo capítulo apresentado à relação entre EJA e o mundo do trabalho capitalista e a sua possível superação,

mas uma vez subsidiado pela teoria crítica Marcusiana, e, no terceiro e último capítulo discuto os resultados da pesquisa desenvolvida sob a forma de questionário aplicado as turmas da EJA do Ensino Médio no turno noturno da EEEFM José Miguel Leão, localizada no Distrito de São José da Mata, zona rural de Campina Grande, a fim de analisar quais as expectativas dos jovens e adultos em relação a sua formação, e, principalmente, quais suas expectativas em relação a sua inserção na atual conjuntura econômica e social através do mundo do trabalho.

Caminhos da pesquisa (metodologia)

A pesquisa está fundamentada na abordagem qualitativa que tem o ambiente real, no caso dessa pesquisa seria a sala de aula da EJA como elemento a ser observado como fonte de dados e o contato direto do pesquisador com a situação que está sendo investigada. Assim, pretende-se na pesquisa entender os fenômenos sociais da educação e do trabalho na sociedade contemporânea de base capitalista e tecnicista do ponto de vista dos sujeitos que estão inseridos em sua realidade, ou seja, como os sujeitos interpretam e experimentam o mundo em que vivem. Na pesquisa qualitativa, o pesquisador busca observar o cenário e as pessoas nela inseridas de forma holística, ou seja, as pessoas, o lugar e os grupos sociais não são reduzidos a variáveis, mas são vistos em sua totalidade.

O método qualitativo utilizado na pesquisa procura fazer com que o pesquisador se afaste de suas crenças, perspectivas e predisposições afim de que observe os fatos como ocorressem pela primeira vez, essa experiência conduziu a pesquisa de forma neutra e sem prejuízos para as pessoas e os grupos nela inseridas (Gonzaga, 2006). O método também possibilita ao pesquisador fazer caracterizações com descrições detalhadas de situações, eventos, pessoas, interações e comportamentos que são observáveis a partir das idéias e atitudes produzidas pelos próprios autores. A partir das análises dos dados, procuramos a partir da teoria crítica da Escola de Frankfurt, principalmente, das ideias do alemão Herbert Marcuse, buscou-se compreender tais fenômenos sociais acima descritos atentando para a história de vida dos alunos da EJA e sua formação para o mundo do trabalho.

Os procedimentos usados foram à pesquisa bibliográfica em diferentes fontes: livros e revistas científicas buscando consultar obras respeitáveis e atualizadas, por reunirem um grande número de trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com a temática abordada.

Em relação ao material e procedimento de coleta de dados, foram realizadas entrevistas em forma de questionário com nove questões sendo uma de caráter objetivo e oito discursivas, de identificação pessoais e socioeconômicas com questões ligadas à formação que os sujeitos recebem na EJA e sua inclusão no mundo do trabalho com trinta e um alunos da educação de jovens e adultos, maiores de dezoito anos, que tiveram os seus nomes preservados na descrição dos resultados, desse total de entrevistados dezoito são mulheres e treze homens, alunos da terceira série do ensino médio do turno noturno da escola José Miguel Leão, localizada no distrito de São José da Mata, pertencente a Campina grande.

Na análise dos dados procuramos descrever as respostas comuns a um determinado número de entrevistados, enfatizando na interpretação dos dados o contexto na qual os sujeitos da educação de jovens e adultos estão inseridos bem como as observações vistas e relatadas buscando dar ênfase aos acontecimentos e fatos relevantes durante a pesquisa centrada na experiência de vida dos sujeitos.

Capítulo I

Herbert Marcuse e o século XX

Neste capítulo apresentaremos o contexto histórico em que nasceu e formou-se o filósofo Herbert Marcuse e duas ideais centrais do pensador: Estado totalitário e Sociedade Unidimensional, para que possamos compreender a crítica do autor as sociedades administradas, capitalistas e tecnocráticas desenvolvidas a partir do trabalho racional.

1.1 Herbert Marcuse e o cenário histórico do século XX

No artigo intitulado “A educação Pela Revolução”, de Wolfgang Leo Maar, publicado na revista CULT, Agosto de 2008, sobre o pensamento de Herbert Marcuse (1898-1979), o autor do artigo revela uma motivação política em todo o pensamento do filósofo herdeiro da escola de Frankfurt que teve como preceptores nomes como Adorno e Horkheimer, o autor se vale de algumas idéias de Marx e Freud para fazer a sua crítica ao capitalismo e para interpretar fenômenos contemporâneos como a sociedade de massa, o totalitarismo do fascismo e do nazismo, a indústria cultural, o trabalho na sociedade tecnocrática, a educação na sociedade capitalista, a sociedade do consumo e das necessidades supérfluas e outros temas bastante atuais na contemporaneidade.

Herbert Marcuse nasceu em Berlim, capital da Alemanha, filho de judeus, formou-se em literatura e filosofia em Berlim aonde conheceu filósofos como Martin Heidegger, um dos maiores pensadores da Alemanha do século XX. Em 1933 o filósofo foi estudar em Frankfurt, no Instituto de Pesquisa Social, onde passou a ter contato com a política e os costumes dos norte-americanos.

Em 1945, durante a segunda guerra mundial, Marcuse trabalhou para o governo Americano, analisando relatórios do serviço de espionagem sobre a Alemanha, país de origem do pensador, experiência que conduziu o filósofo a rever o seu posicionamento a despeito da política e do poder que os Estados Unidos mantiveram sobre várias nações do mundo.

Nos anos que vai de 1950 a 1960 o filósofo tornou-se professor de teoria política de Harvard e, posteriormente publica o livro “O homem unidimensional”, esse representa os posicionamentos dos movimentos estudantis de esquerda dos anos 60, que dentre outras coisas, desejavam mais liberdade em contraposição aos ditames e opressão da política capitalista que já estavam sentindo. Mas neste livro como em outros do autor como “Eros e civilização”, o filósofo critica tanto os países comunistas quanto capitalistas por suas falhas no processo democrático, nenhum dos dois conseguiu dar igualdade de condições aos seus cidadãos, segundo o pensador a sociedade avançada cria falsas necessidades que integram os indivíduos ao sistema de produção e consumo.

Para Leo Maar (2008), a força crítica do pensamento do filósofo, o engajamento político de 1968 tornou o pensador alemão uma das figuras mais citadas e conhecidas dos Estados Unidos, na França e também no Brasil no século XX. Por causa de seu engajamento e apoio aos estudantes que protestavam contra a guerra do Vietnã (1961-1974), que lutavam para transformar a sociedade e política, Marcuse ficou conhecido como o pai da esquerda.

O século XX ficou conhecido, também, como um período de intenso progresso científico e tecnológico, contudo, a sociedade que custeia e crê no avanço científico e tecnológico são a

mesma que assiste o cerceamento dos direitos civis e completo descaso no trato das relações humanas. A história nos revela que, embora o progresso das luzes (referência aos séculos do iluminismo XVII-XVIII) tenha trazido benefícios para a humanidade, estes nunca foram distribuídos igualmente entre os homens. O progresso da ciência trouxe consigo a desigualdade e com ela a escravidão e a tirania. Marcuse enquanto membro da escola de Frankfurt elucidou o caráter contraditório de conquista racional do mundo; pois, segundo o pensador, a racionalidade científica e técnica conseguiram a façanha de tornar o homem num escravo da própria técnica:

No século XX, contudo, a filosofia passa a desconfiar do otimismo científico-tecnológico do século anterior em virtude de vários acontecimentos: as duas guerras mundiais, o bombardeio de Hiroshima e Nagasaki, os campos de concentração nazistas e stalinistas, as guerras da Coreia, do Vietnã, do Oriente Médio, do Afeganistão, as invasões russas da Hungria e Tchecoslováquia, as ditaduras sangrentas da América Latina e da África, a devastação de mares, florestas e terras, a poluição do ar, os perigos cancerígenos de alimentos e remédios, o aumento de distúrbios e sofrimentos mentais, os problemas éticos e políticos surgidos com o desenvolvimento da engenharia, etc.(CHAUÍ, 2010, p. 59)

O filósofo começa a observar que os sujeitos submetidos à ideologia da política econômica capitalista apenas reproduziam o sistema existente que cuidavam para eliminar toda a crítica e oposição ao sistema, o resultado era a universalização de idéias e comportamentos, no qual, as verdadeiras aptidões para o pensamento emancipado e crítico eram anulados:

Além disso, as ciências e as técnicas foram incorporadas a grandes complexos industriais e militares, que financiavam as pesquisas e definem o que deve ser pesquisado e como serão utilizados os resultados. O chamado complexo industrial militar das grandes potências econômicas possui poder de vida e morte sobre o planeta, não está submetido a governos nem a associações públicas, mas opera secretamente, segundo seus próprios interesses, desencadeando guerras, ditaduras, violência em toda parte.
(CHAUÍ, 2010, p. 59)

A civilização nos padrões capitalistas impõe uma cultura que pereniza e imita a mesma; por isso, aliás, Marcuse insiste na necessidade de haver uma re-determinação da cultura mediante uma teoria crítica da sociedade, e, devido à expansão da ideologia da indústria tecnológica pelo mundo, Marcuse declarou que a sociedade ocidental havia se transformado em unidimensional. Os caracteres unidimensionais como verão abaixo, refere-se à perda da liberdade, restando aos homens unicamente a dimensão das necessidades supérfluas que acaba por tornar os indivíduos cada vez mais infelizes.

1.2 Sociedade Unidimensional

A ideia de que nas sociedades industriais avançadas os indivíduos possuem uma falsa consciência da liberdade é descrita por Herbert Marcuse para denunciar naquelas sociedades um estado de escravidão social e individual promovida e organizada pela indústria tecnológica. Noutros termos, segundo o filósofo, essa falsa consciência de liberdade que é introjetada pelos indivíduos acaba debilitando-os no que possuem de mais oponente, a sua “razão”, essa faculdade uma vez debilitada, ou, sua completa sujeição ao sistema capitalista e tecnicista, torna-a tão inferior quanto os demais instintos, ao invés de realizar-se livremente, acaba operando em prol da manutenção e da manipulação da ideologia vigente, se transformando em razão instrumental.

A perda dessa dimensão, na qual o poder de pensamento negativo—o poder crítica da razão—está à vontade, é a contrapartida ideologia do próprio processo material no qual a sociedade industrial desenvolvida silencia e reconcilia a oposição [...] o impacto do progresso transforma a razão em submissão aos fatos da vida e a capacidade dinâmica de produzir mais e maiores fatos do mesmo tipo de vida (MARCUSE, 1964, p. 22)

A crítica que o filósofo direciona as sociedades industriais desenvolvida, comumente chamadas de sociedades “livres”, não advém de uma crença niilista como o descrevem certos críticos, ao contrário, o filósofo pode ser inserido num grupo de pensadores que crêem numa reorganização do espaço social, num reagrupamento dos indivíduos a uma comunidade de uma forma mais justa e menos autoritária e numa redistribuição menos desigual das riquezas hoje produzidas nas sociedades tecnocráticas. Porém, para não deixarmos cair numa visão falseada da realidade, cujo estado de alienação acabaria por mascarar a real condição de vida degradante que vive atualmente uma parte considerável da humanidade do planeta, é preciso, antes, esclarecer o que seria uma sociedade menos injusta e mais igualitária quando o sistema econômico, político e sociocultural, de base tecnicista, opera em prol do nivelamento das ideias opostas, quando este mesmo sistema opera para a mobilização e padronização do corpo e da mente dos indivíduos através de um sistema automático de controle pelo qual os mecanismos verificam seu próprio funcionamento, efetuando mudanças e introduzindo correções sem a interferência dos indivíduos. Entendemos que uma sociedade com estas características só poderá se desenvolver de uma forma mais justa igualitária se as liberdades individuais forem respeitadas:

Quanto mais racional, produtiva, técnica e total se tornam a administração repressiva da sociedade, tanto mais inimagináveis se torna os meios pelos quais os indivíduos administrados poderão romper sua servidão e conquistar sua própria libertação. [...] toda libertação depende da consciência de servidão e o surgimento dessa consciência é sempre impedido pela predominância de necessidades e satisfações que se tornaram em grande proporção, do próprio indivíduo.(MARCUSE, 1964, p. 32)

Conforme Marcuse, direitos e liberdades historicamente conquistadas perderam seu sentido lógico e conteúdos tradicionais na contemporaneidade. Sendo assim, liberdade de pensamento, de expressão e de ação, que em outros tempos, manifestaram um ideário político e ideológico para denunciar um estado de opressão e de marginalização social em que viviam milhares de indivíduos, perderá, nas sociedades atuais, de base tecnicista, seu caráter crítico e ideológico. Para que possamos entender o processo de mudança histórica, no qual o ideário dos indivíduos das sociedades pré-tecnista foi submetido ao controle político e ideológico das sociedades técnicas, basta lançarmos o olhar crítico sobre os atuais movimentos sindicais espalhados pelos países cuja estrutura econômica e social obedecem às regras unilaterais do capitalismo e do progresso tecnológico. É possível notar que nestas sociedades a maioria dos movimentos sindicais já faz parte da chancela burocrática das grandes corporações comerciais, eles já não apresentam mais uma ameaça à ordem vigente, assim sendo, levados cada vez mais a tomarem decisões que afetam mais os empregados do que os empregadores e a procurar soluções que elevem a produção das empresas em que estão agregados, acabam por contribuir para a manutenção da ordem estrutural do trabalho alienado que a sociedade burguesa impõe:

Com efeito, o trabalho na sociedade contemporânea não possibilita ao homem a realização da liberdade: quando o homem está no trabalho sente-se fora de si. Não se afirma nele; nega-se. Não realiza uma livre atividade física e intelectual, mas martiriza o seu corpo e o seu espírito. Alienus significa o que é alheio e estranho ao homem, e os produtos do seu trabalho não lhe pertencem, mas são bens de outro. Esses produtos enfrentam os produtores como objetos estranhos, como fantasmagorias, pois enfrentam o homem como se fossem independentes do sistema de produção que lhes dá nascimento. A experiência da alienação é uma experiência alucinatória e atinge todos os trabalhadores. (COSTA, 2005, p. 38)

Decisões que antes eram tomadas apenas pelo grupo de empresários, agora são decididas por todos. Por um lado, esta aparente autonomia assegura que conflitos dentro das empresas não venham influir nas suas negociações e nos seus lucros, por outro, este suposto pertencimento a uma nova classe social, a classe dos grandes empresários faz com que suas idéias sejam facilmente assimiladas e aceitas sem maiores divergências. Uma vez diluída a oposição que os movimentos sindicais representavam, diluem-se, também, os seus ideais, e com isso, o poder de transformar a condição de vida subumana e do trabalho laborioso de milhares de indivíduos espalhados por todo o mundo. Para mostrar como a sociedade tecnicista caminha cada vez mais para se transformar em sociedades unidimensionais, vimos, como exemplo a decadência dos movimentos sindicais e sua total alienação diante de uma aparente autonomia ou falsa liberdade pré-fabricada e coordenada pela indústria técnica. Portanto, o exemplo do controle da indústria técnica sob os movimentos sindicais podem ser estendidas a outros movimentos, grupos, instituições e classes sociais, estejam sob a tutela pública ou privada, o que vem a confirmar a eficiência dos mecanismos de controle sob a vida dos indivíduos:

Ocorre que a tecnificação das relações sociais, em todos os níveis, universaliza-se. Na mesma proporção em que se dá o desenvolvimento extensivo e intensivo do capital no mundo, generaliza-se a racionalidade formal e real inerente ao modo de operação do mercado, da empresa, do aparelho estatal, do capital, da administração das coisas de agentes e idéias, tudo isso decodificado nos princípios do direito. Junta-se aí o direito e a contabilidade, a lógica formal e a calculabilidade, a racionalidade e a produtividade, de tal maneira que em todos os grupos e instituições, em todas as ações e relações sociais, tende a predominar os fins e valores constituídos no âmbito do mercado, da sociedade vista como um vasto espaço de trocas, esse é o reino da racionalidade instrumental, em que o indivíduo também se revela adjetivo, subalterno. (IANNI, 2003, p. 19)

1.3 Estado Totalitário

O processo de globalização que inicia-se nos anos 90 tem sido alvo de inúmeras críticas na atualidade, porém, tais críticas parecem não subverter ou afetar as suas pretensões determinantes que é a de tornar o mundo cada vez mais integralizado. Fatores como a racionalização da produção e do consumo, a livre circulação de produtos e serviços intensificada pela multinacionalização da indústria tecnológica e dos altos investimentos nos setores da informática, que foram importantes para o surgimento e o desenvolvimento de integração do mundo, hoje, soma-se a outro bem mais eficiente. A internet, ou, o compartilhamento da rede de computadores por milhares de pessoas em diversas localidades do mundo mostra na atualidade a eficiência do controle tecnológico:

Esta pode ser considerada uma das características mais notáveis da globalização do capitalismo. A eletrônica, compreendendo a microeletrônica, a automação, a robótica e a informática, em suas redes de via de alcance global, intensifica e generalizam as capacidades dos processos de trabalho e produtividade no mesmo curso da dispersão geográfica da fábrica, usinas, montadoras e suas filiais, simultaneamente, a nova divisão internacional do trabalho e produção intensifica-se e generalizam-se. As tecnologias destinadas a potencializar a capacidade produtiva de todas as formas sociais de trabalho e produção. (IANNI, 2003, p. 19)

Percebe-se que totalitarismo não é apenas uma coordenação política terrorista da sociedade, mas também uma coordenação técnico-econômica não terrorista que opera através da manipulação das necessidades por interesses adquiridos. O totalitarismo também não apenas se constitui como uma forma específica de governo ou direção partidária, mas é um sistema específico de produção e distribuição. A cultura tecnicista, da forma que é organizada para eliminar toda a oposição e integralizar os indivíduos cada vez mais ao corpo social, cria mecanismos de controle capazes de satisfazer as suas necessidades e os seus desejos mais estranhos, sejam de natureza biológica ou psicológica. Dentre as necessidades artificiais que a indústria tecnológica impõe aos indivíduos, tem aquelas que são facilmente absorvidas, ou seja, os esforços parecem ser mínimos diante do prazer e da satisfação que proporcionam, um

boa comida, ou, uma jóia bem mais sofisticada, e tem aquelas necessidades, cuja absorção requer um esforço bem mais laborioso do corpo e da mente dos indivíduos. Parece que, nas sociedades capitalistas, cada vez mais os sonhos e os desejos dos indivíduos tornam-se objeto de venda, mercadoria, e suas necessidades são facilmente realizadas, porém, segundo Marcuse essa é mais uma estratégia que a cultura do consumo impõe aos indivíduos:

O alcance da escolha aberta ao indivíduo não é um fator decisivo para a determinação do grau de liberdade humana, mas o que pode ser escolhido e o que é escolhido pelo indivíduo. [...] A livre escolha entre a ampla variedade de mercadorias e serviços não significa liberdade se esses serviços e mercadorias sustentem os controles sociais sobre uma vida de labuta e temor, isto é, se sustentem alienações. (Marcuse, 1964, p. 36)

Um dos efeitos negativos dessa falsa consciência de liberdade acalentada aos indivíduos pela indústria técnica é negar no seio dessas sociedades as contradições, as hierarquias entre as classes sociais e, conseqüentemente, ocultar um estado de coerção social promovida e organizada pelas instituições sociais. Aliás da forma que a sociedade tecnocrática é organizada sob a proteção de um estado totalitário, a divisão ou não dos indivíduos em classes sociais parece não incomodar ao sistema operante. Não é que a cultura técnica vai abolir a antiga e antagônica contradição social entre ricos e pobres, opressor e oprimido, ao contrario, ela aparece operar como mais violência, nesta época, e, se hoje, tal situação não aparece de uma forma tão explícita é que os momentos de dor e frustração parecem mínimos diante o máximo de prazer e de gozo que a indústria técnica mantém. Quando se afirma que a divisão ou não dos indivíduos em classes sociais pouco importa na sociedade em curso, quero reafirmar o que havia dito antes que, sob a forma de uma falsa consciência de uma existência livre, os agentes sociais parece convergirem para o funcionamento do sistema:

A chamada igualação das distinções das classes revela a sua função ideológica. Se o trabalhador e o seu patrão assistem ao mesmo tempo programa de televisão, se todos lêem os mesmos jornais, essa assimilação não indica o desaparecimento de classes, mas a extensão com que as necessidades e satisfações que servem a preservação do estabelecimento são compartilhadas pela população subjacente. (Marcuse, 1964, p. 42)

A indústria tecnológica não possibilita apenas o fluxo de indivíduos entre as classes sociais, ela também possibilita que amem o que os outros amam que odeiem o que os outros odeiam, que suas orgias sexuais sejam iguais aquelas do mocinho e da mocinha da televisão. Nesse universo construído e totalmente administrado, aonde os indivíduos representam apenas arquétipos do jogo ideológico da política neoliberal de base tecnicista, a opressão sob a forma de liberdade parece ressurgir a cada dia com mais força e vitalidade, e, validado pelas conquistas da ciência e da tecnologia, justificado por sua crescente produtividade, o “status quo” desafia toda transcendência, a sociedade industrial madura se fecha contra essa alternativa e todo o projeto de emancipação dos indivíduos do mundo do trabalho capitalista aparece como uma utopia. Para Marcuse (1972) os recursos materiais e mentais da civilização ainda são tão limitados que terá de haver um padrão de vida substancialmente inferior se

pretende que a produtividade social seja reorientada para a gratificação universal das necessidades individuais: muitos teriam que renunciar a seu conforto manipulado, para que uma sociedade igualitária possa surgir.

Capítulo II

A RACIONALIZAÇÃO E A MECANIZAÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO CAPITALISTA

Estabelecido este marco fundamental, veremos neste segundo capítulo as principais idéias de Herbert Marcuse acerca do tema da formação voltada para emancipação dos sujeitos e sua possível liberdade da racionalidade do trabalho capitalista.

2.1 A racionalização e a mecanização do trabalho capitalista ou a semiformação através do trabalho capitalista

Segundo Marcuse a civilização é, acima de tudo, progresso no trabalho, com isso o filósofo quer dizer que o trabalho na atual conjuntura política e social é utilizado para o agenciamento e ampliação das necessidades da vida. Sendo assim, o trabalho se realiza sem satisfação alguma em si mesmo, ou seja, ele é trabalho desagradável e penoso.

Observa-se que o trabalho que criou e ampliou a base material da civilização foi principalmente labuta, trabalho alienado, penoso e desagradável. Para Marcuse o desempenho do trabalho dificilmente gratifica as necessidades e inclinações individuais. Sabe-se que o trabalho é imposto ao homem pela necessidade e forças brutais; se o trabalho alienado tem algum grau de prazer, só se for o prazer debilitado prazer sublimado:

As técnicas provêm as próprias bases do progresso; a racionalidade tecnológica estabelece o padrão mental e comportamental para o desempenho produtivo, e poder sobre a natureza tornou-se praticamente idêntico a civilização. A destrutividade sublimada nessas atividades estará suficientemente subjugada e desviada, de modo a assegurar o trabalho de Eros? Ao que parece, a destrutividade socialmente útil é menos sublimada do que a libido socialmente útil. Certo, o desvio de destrutividade do ego para o mundo externo garantiu o progresso da civilização. (MARCUSE, 1972, p. 89)

Para Marcuse a repressão do trabalho capitalista sobre os indivíduos é amplamente inconsciente e automática, ao passo que a sua gradação só é mensurável à luz da consciência. Desse modo, a dominação tornasse cada vez mais impessoal, objetiva, universal e também cada vez mais racional, eficaz e produtiva. Não só a razão seria controlada, mas os instintos dos indivíduos são controlados através da utilização social da capacidade de trabalho. Não obstante, o indivíduo tem de trabalhar para viver, e esse trabalho não exige apenas oito, dez, doze horas diárias do seu tempo, mas uma vida toda de labuta em conformidade aos padrões e necessidades impostos pela sociedade de consumo:

A incorporação econômica e política dos indivíduos no sistema hierárquico do trabalho é acompanhado de um processo instintivo em que objetos humanos de dominação reproduzem sua própria opressão. E a crescente racionalização do poder parece refletir-se na crescente racionalização da opressão. Ao reter os indivíduos como instrumento de trabalho, forçando-os à renúncia e a labuta, a dominação já não está apenas, ou primordialmente,

defendendo privilégios específicos, mas sustentando também a sociedade como um todo, numa escala em contínua expansão. (MARCUSE, 1972, p. 93)

Segundo Marcuse os recursos existentes na cultura da civilização industrial e disponíveis deveriam facilitar uma transformação qualitativa nas necessidades humanas, libertando energia para a consecução de objetos fixados pelo livre jogo das faculdades humanas, porém, a racionalização e a mecanização do trabalho tendem a reduzir o quantum de energia instintiva canalizada para o trabalho alienado, a sociedade tecnológica atua contra a utilização repressiva da energia, na medida em que reduz ao mínimo o tempo necessário para a produção das necessidades da vida, assim poupando tempo para o desenvolvimento das necessidades situadas além do domínio da necessidade e do supérfluo necessário:

Mas quanto mais perto se encontra a possibilidade real de emancipar o indivíduo das restrições outrora justificadas pela escassez e imaturidade, tanto maior é a necessidade de manutenção e dinamização dessas restrições, para que a ordem estabelecida de dominação não se dissolva. A civilização tem que se defender contra o espectro de um mundo que possa ser livre, se a sociedade não pode usar a sua crescente produtividade para reduzir a repressão, pois tal uso subverteria a hierarquia do “status quo”, então a produtividade deve ser voltada contra os indivíduos; torna-se um instrumento de controle universal. (MARCUSE, 1972, p. 94)

2.2 Progresso, trabalho e liberdade humana

O trabalho na divisão laboral predominante é tal que, o indivíduo, ao trabalhar não satisfaz seus próprios impulsos, necessidades e faculdades, mas desempenha uma função preestabelecida. Por maior que seja a riqueza, a civilização depende de um trabalho constante e metódico, e, assim, de um desagradável retardamento da satisfação. Para progredir a sociedade precisa produzir. Segundo Marcuse (2001), no decorrer da história da civilização ocidental encontramos dois conceitos de progresso, um chamado de progresso técnico, que surge com o desenvolvimento das ideias positivistas, pela qual o progresso é entendido de forma quantitativa, ou seja, o resultado desse progresso é a riqueza cada vez mais crescente e é utilizado para dominar o homem e a natureza. Para se opor a essa ideia de progresso técnico, surge, no decorrer da história ocidental, outro tipo de conceito de progresso, chamado de qualitativo. O progresso, assim entendido, consiste na realização da liberdade humana, ou seja, um número cada vez mais de seres humanos torna-se livre e a própria consciência da liberdade incitaria uma ampliação da própria liberdade.

Porém, no decorrer da civilização ocidental, mais precisamente no decorrer do século XIX, a ideia de um progresso qualitativo ou humanitário é colocada para o plano da utopia, com aumento da população mundial e de suas necessidades é preciso produzir mais e em grande escala para atender a um público consumidor em diversas partes do mundo. A partir desses fatos torna-se imprescindível recorrer aos recursos da técnica ficando o projeto de liberdade individual cada vez mais restrito a um universo totalitário da indústria técnica:

A produtividade serve para satisfazer as necessidades melhor e numa escala mais ampla, já que o fim último da produtividade consiste em favor dos seres humanos. Mas quando o conceito de necessidades engloba tanto alimentação, roupa, moradia quanto bombas, máquinas caça-níqueis e a destruição de produtos invendáveis, então podemos afirmar como certo que o conceito é tão desonesto quanto inútil para determinar o que seria uma produtividade legítima, e temos o direito de deixar em aberto a pergunta: produtividade para quê? Parece que a produtividade é um fim em si mesma, e a pergunta sobre a sua utilização não só permanece em aberto, como é cada vez mais recalcada. (MARCUSE, 2001, p. 94)

Na contemporaneidade, a produtividade é inseparável do princípio de progresso técnico, desse modo, a vida passa a ser sentida e vivida como trabalho, assim, o próprio trabalho torna-se o conteúdo da vida. O trabalho é concebido como socialmente necessário, útil, sem ser em absoluto concebido como trabalho individualmente suficiente, individualmente necessário. Há assim, uma separação entre a necessidade social e a necessidade individual, e o desenvolvimento da sociedade industrial sob esse princípio de progresso só faz provavelmente com que isso se acentue. O trabalho que seria a própria vida torna-se trabalho alienado (MARCUSE, 2001).

O trabalho assim é visto como obstáculo para os indivíduos alcançarem suas capacidades e necessidades humanas e, quando comportam alguma satisfação, esta é passageira ou vem depois do trabalho:

Vive-se o desafio da superação do trabalho, um dos vetores em que se organizaram o mundo moderno, a cultura contemporânea e a democracia. A sombra do fim do emprego transformou-se em um incômodo desconhecido a interferir nas formas mesmas de reprodução da vida social, e amplificam, ao extremo, as consequências da fragmentação e do corporativismo, complicando a discussão a respeito das relações entre incluídos e excluídos, deficientes e não deficientes, livres e não livres, e aqueles entre indivíduos com e sem consciência. (COSTA, 2005, p. 34)

A liberdade assim definida como fim em si e rigorosamente dissociado da satisfação torna-se liberdade infeliz. As inclinações dos homens devem ser continuamente sacrificadas à razão, a felicidade à liberdade metafísica para que os homens, por meio da promessa da felicidade, sejam mantidos no trabalho alienado, permaneçam produtivos.

Mas se o trabalho se desvinculasse do processo de produtividade e torna-se livre jogo das capacidades humanas, o sofrimento deixaria de ser necessário para coagir os homens a trabalhar, assim, trabalhariam por si mesmos e pelas satisfações de suas próprias necessidades, e construir-se-ia um mundo melhor onde a existência se satisfará a si mesma. Portanto, faz-se necessária a busca da superação do trabalho como alternativa para justificar a vida humana e a busca de outras formas de expressão e de formação do trabalhador da EJA:

Pode-se prever uma situação em que não exista produtividade, simultaneamente resultado e condição da renúncia, em que não exista trabalho alienado, uma situação em que a crescente mecanização do trabalho

permitirá a uma parte cada vez maior da energia pulsional, que precisa ser desviada para o trabalho alienado, readquirir sua forma original; em outras palavras, ela pode voltar a ser energia das pulsões de vida. O tempo gasto no trabalho alienado não seria mais o tempo da vida, nem o tempo dado ao indivíduo para satisfazer suas próprias necessidades seria um mero resto de tempo; ao contrario, o tempo de trabalho alienado seria não apenas reduzido ao mínimo, mas desapareceria completamente, e o tempo da vida seria o tempo livre. (MARCUSE, 2001, p. 9132)

Considerando as reflexões de Marcuse, faz-se necessário ao trabalhador abreviar o mais possível o exercício do trabalho sob o reino imperativo da necessidade, não eliminado o trabalho como constituinte de sua formação dentro dos limites sociais estabelecidos pelo capitalismo, mas abrindo espaço para sua superação por outras dimensões como a cultural e a social.(COSTA, 2005).

2.3 A educação para liberdade e emancipação do trabalho capitalista

Diante de uma sociedade que progride ao mesmo tempo em que progridem os sistemas de dominação sob os indivíduos, será que é possível conjecturar uma educação para emancipação e a liberdade dos indivíduos da racionalidade do trabalho capitalista? Para Marcuse quanto mais perto se encontra a possibilidade real de emancipação do indivíduo das restrições outrora justificadas pela escassez e imaturidade, tanto maior é a necessidade de manutenção e dinamização dessas restrições, para que a ordem estabelecida de dominação não se dissolva. Desse modo, o controle é fortalecido não tanto sobre os instintos, mas sobre a consciência, a qual, se ficar livre, poderá reconhecer o trabalho repressivo mesmo nas maiores e melhores satisfações de necessidades:

No seu auge, a concentração do poder econômico parece converter-se em anonimato; todos, mesmo os que se situam nas posições supremas parecem impotentes ante os movimentos e leis da própria engrenagem. O controle é normalmente administrado por escritórios em que os controlados são os empregadores e empregados. Os patrões já não desempenham uma sua função individual. Os chefes sádicos, os exploradores capitalistas, foram transformados em chefes assalariados de uma burocracia, com quem os seus subordinados se encontram, como membros de uma outra burocracia. Assim, a responsabilidade pela organização da sua vida reside no todo, no sistema, a soma total das instituições que determinam, satisfazem e controlam suas necessidades.(MARCUSE, 1972, p. 98)

A partir da citação acima, percebe-se que as instituições são meras reprodutoras do sistema capitalista, no que concerne a escola, parece que não é diferente na atual conjuntura política brasileira em que nos últimos anos houve uma massificação de escolas técnicas e de cursos técnicos de curto prazo espalhados em todo o Brasil para atender uma indústria técnica e uma sociedade de consumo que requer um trabalhador cada vez mais qualificado em menor tempo. Assim, a amplitude desses recursos pode ser definida pelo nível de liberdade humana

obtida e suscetível de ser alcançada através do uso verdadeiramente racional da capacidade produtiva:

A ideologia moderna reside em que a produção e o consumo reproduzem e justificam a dominação. Mas o seu caráter ideológico não altera o fato de que os seus benefícios são reais. A repressividade do todo reside em alto grau na sua eficácia: amplia as perspectivas da cultura material, facilita a obtenção das necessidades da vida, torna o conforto e o luxo mais baratos, atrai áreas cada vez mais vastas para a órbita da indústria, enquanto, ao mesmo tempo, apóia e encoraja a labuta e a destruição. O indivíduo paga com o sacrifício do seu tempo, de sua consciência, de seus sonhos, a civilização paga com o sacrifício de suas próprias promessas de liberdade; justiça e paz para todos. (MARCUSE, 1972, p. 98)

Tendo em vista que a dominação que se exerce sobre as consciências no atual estado das coisas, algo que se agrava com a proliferação da indústria técnica sobre os bens culturais, realidade esta que se impõe rigidamente sobre os indivíduos, a educação deve fortalecer a resistência em sacrifício da adaptação. Nesse sentido, caberia à educação formar indivíduos, não modelar, para viver numa sociedade democrática, a qual só será possível se formada por pessoas emancipadas. Com esta mudança na experiência básica e formativa, o próprio objeto de experiência também mudaria liberada da dominação e exploração violentas e, pelo contrário, configurada de acordo com o impulso lúdico, a escola ficaria liberta de sua própria brutalidade e apta a exibir a riqueza de suas formas não intencionais, que expressariam a vida interior de seus objetivos:

E uma correspondente mudança ocorreria no mundo subjetivo. Também aí a experiência estética sustaria a produtividade violenta e exploradora do que fez do homem um instrumento de trabalho. Mas não seria devolvido a um estado de sofrida passividade. Sua existência ainda continuaria sendo atividade, mas o que ele possui e produz não mais precisa ostentar os sinais de servidão, o terrível desígnio de seu propósito, superando a carência e a angústia, a atividade humana torna-se exibição, a livre exibição de potencialidades. (MARCUSE, 1972, p. 98)

Assim, torna-se urgente para a educação formar para emancipação, para que o indivíduo, mesmo estando inserido no mundo da técnica, seja capaz de fazer uso de seu próprio entendimento sem a tutela do outro. A educação assim idealizada torna-se formação para a experiência, na qual o sujeito confronta o que antes julgava ser certo em seu pensamento, refletindo sobre si mesmo e sobre a realidade, tirando assim suas próprias conclusões. Nesse momento a escola formaria os indivíduos para a liberdade das necessidades socialmente impostas pela indústria técnica e do trabalho alienado que sustenta uma vida de miséria e de escravidão. “A ordem só é liberdade se fundada e mantida pela livre gratificação dos indivíduos” (MARCUSE, 1972, P.170). Ser emancipado pressupõe aptidão e coragem de cada indivíduo em servir de seu próprio entendimento sem a orientação de outros (indivíduos, instituições). Só assim, evita-se a adaptação conformada ao que está posto e se fortalece a resistência:

O reino da liberdade é visionado para além do domínio da necessidade: a liberdade não está dentro, mas fora da luta pela existência. A posse e a obtenção das necessidades da vida são pré-requisitos e não o conteúdo de uma sociedade livre. O reino da necessidade, do labuta e trabalho não é o reino da liberdade, visto que a existência humana, nesse domínio, é determinada por objetivos e funções que não são propriamente seus e que não permitem o livre jogo das faculdades e desejos humanos. (MARCUSE, 1972, p.172)

Segundo Marcuse (1972) racionalmente, o sistema de trabalho social deveria ser organizado, pelo contrário, tendo em vista a economia de tempo e espaço para o desenvolvimento do indivíduo fora do mundo do trabalho inevitavelmente repressivo. O jogo e a exibição, como princípios de civilização, implicam não só a transformação do trabalho, mas a sua completa subordinação à livre evolução das potencialidades do homem e da natureza:

A educação para uma independência intelectual e pessoal, isso soa como se fosse um objetivo universalmente reconhecido. Na realidade, trata-se aqui de um programa por demais subversivo, que encerra a violação de alguns dos mais sólidos tabus democráticos. Pois a cultura democrática dominante promove a heteronomia sob a máscara da autonomia, impede o desenvolvimento das necessidades fingindo promovê-las e limita o pensamento e a experiência sob o pretexto de ampliá-los e estendê-los ao infinito. A maioria dos homens usufrui de um considerável espaço para comprar e vender, para procurar e escolher um trabalho; eles podem expressar sua opinião e mover-se livremente, mas suas opiniões jamais transcendem o sistema social estabelecido, que determina suas necessidades, escolhas e opiniões. (MARCUSE, 2001, p.95)

Para que haja a transformação do trabalho repressivo para o trabalho como jogo livre das faculdades humanas seria necessária, para Marcuse (1972), uma mudança nas instituições sociais, principalmente a escolar, trata-se de tomar consciência da realidade, mas uma vez que os indivíduos na atualidade apresentam uma deficiência notável na capacidade de fazer experiências porque encontram pronto e posto, de antemão, tudo o que podiam pensar, resta agora o retorno às experiências diretas, ir às coisas mesmas, sem a mediação pré-estabelecida, o que sugere uma espontaneidade no processo de aprendizagem. Espontaneidade essa, muito benéfica ao propósito da educação para a emancipação e para o pensamento autônomo que se devem desenvolver nos indivíduos quando o objetivo é libertá-los do trabalho opressor.

O trabalho como livre jogo não pode estar sujeito a autoridades externas, somente o trabalho alienado pode ser administrado por meio de uma rotina racional. Significaria a libertação do pensar, do investigar, do ensinar e do aprender em relação ao sistema existente de valores e de modos de comportamento, assim como a laboração de métodos e conceitos capazes de ultrapassar racionalmente os limites dos fatos e dos valores estabelecidos. (MARCUSE, 2001, p.95)

Capítulo III

O TRABALHO NA FORMAÇÃO E NA INCLUSÃO SOCIAL DO INDÍVIDUO DA EDUCAÇÃO JOVENS E ADULTOS

Neste capítulo analisaremos os dados da pesquisa. Em relação ao material e procedimento de coleta de dados, foram realizadas entrevistas em forma de questionário de identificação pessoais e socioeconômicas com questões ligadas à formação e inclusão no mundo do trabalho com os alunos da educação de jovens e adultos, do turno noturno, da escola EEEFM José Miguel Leão, localizado no distrito de São José da mata. Os resultados abaixo estão divididos em dois grupos, no primeiro a análise é feita com os alunos da EJA que no momento da pesquisa estavam trabalhando e, no segundo grupo, os alunos da EJA que no momento da entrevista se encontravam fora do mercado de trabalho.

Alunos da EJA que se encontram atualmente no mercado de trabalho

3.1 O trabalho como constituinte da vida dos jovens e adultos da EJA (alunos da EJA que se encontram atualmente no mercado de trabalho)

A primeira pergunta feita aos alunos da EJA foi se estavam trabalhando, e dos trinta jovens e adultos entrevistados dezesseis estão no momento inserido no mercado de trabalho. Ao serem questionados sobre a profissão que exercem no momento e há quanto tempo foram dadas respostas das mais diversas. Em relação as profissões percebe-se que são muito diversificadas. Tem-se desde os alunos que trabalham por conta própria como negociante em comércio na própria casa, mecânico de moto, mas a grande maioria se encontra no mercado de trabalho formal, assalariados com carteira de trabalho assinada e cumprido uma carga horária de oito a dez horas diária de segunda a sábado. Dentre as profissões que esses trabalhadores exercem estão auxiliar administrativo, auxiliar de restaurante, operador de caixa, operador de máquina, repositor, secretaria, auxiliar de serviços gerais e até profissões que surgiram nestes nos últimos anos com o desenvolvimento do mercado da moda, e que exige um trabalhador compatível com as atuais tendências do mercado, é o caso do design de sobancelhas. Em relação ao tempo que estão exercendo a profissão, alguns entraram recentemente no mercado de trabalho, há um ano, dois anos, uma minoria, dois adultos apenas responderam que está há mais de cinco anos empregados, isso demonstra a fragilidade do mercado de trabalho capitalista, que não consegue dá ao trabalhador a segurança que tanto ele espera, a qualquer momento o trabalhador pode ser despejado e substituído por outro na profissão que exerce:

Como se pode perceber, os homens continuam sendo, como no tempo de Marx, apêndices da maquinaria; mas não apenas os trabalhadores têm de se conformar às características das máquinas a que servem, muitos outros são obrigados, até mesmo em suas mais íntimas emoções, a se submeter ao mecanismo social como detentores de papéis, tendo de se modelar sem reservas. Dessa maneira, o capital

industrial formata a dimensão cultural e social, e, também, os indivíduos em suas manifestações (im)personais. (COSTA, 2005, p. 30)

Ao serem perguntados se estão felizes ou realizados no atual trabalho que exercem doze responderam que sim, e alguns completaram suas respostas dizendo que “sim, por ter conseguido varias coisas com que ganha” ou ainda “sim, muito mesmo”, “sim, muito feliz”, “sim, gosto de produzir”, “sim, porque faço o que gosto”, demonstrando que a realização do trabalho está ligada aos bens materiais que pode conseguir comprar com dinheiro que recebem. Esta realização pode estar ligada ainda a ideologia vigente na sociedade industrial de que a felicidade esta relacionada a pessoas que produzem alguma atividade manual, ou seja, a realização da vida boa esta diretamente vinculada ao mundo do trabalho, neste caso quem esta fora desse mercado não pode ser considerada “gente”, dificultando sua inserção na vida social:

Claro que, quando se diz, sob a concepção burguesa, que o trabalho dignifica o homem sem analisar as “[...] condições concretas do trabalho na sociedade que focam o conformismo e não as influencias conscientes, as quais, por acréscimos embruteceriam e afastariam da verdade os homens oprimidos”, como apontam Horkheimer e Adorno (1985, p.47), está se falando de uma concepção idealista de trabalho e não diante da realidade histórico-social deste, impregnado pelas condições reais de trabalho que brutalizam, entorpecem e exploram a maioria dos homens, [...]. (COSTA, 2005, p. 27)

Aos entrevistados que responderam não estarem felizes com a atual atividade que exercem as respostas foram bem objetivas, “não, porque queria ganhar mais”, “gostaria de ter um trabalho melhor”, “não porque não tenho direitos que os trabalhadores do comercio tem”, podemos perceber em suas respostas que as mudanças que esperam que aconteçam não concorrem para uma atividade de trabalho que os libertam da tutela do trabalho capitalista, mas permanece presos a ideologia burguesa dominante e alienante e do estado totalitário que a indústria técnica cria como fosse o melhor para se viver. Idéias que se assemelham muito as que foram ditas ao responderem quais expectativas esperam em relação ao atual trabalho que exercem? As respostas foram quase parecidas à maioria espera “crescer” dentro da atual empresa que estão empregados, esse crescer pode ser traduzido como o desejo de ocupar postos maiores dentro da empresa para que possam ganhar um salário maior e com isso aumentar a renda no final do mês e o poder de compra individual de suas famílias. Essa sobreposição de função dentro das empresas capitalistas já é prevista em sua lógica de mercado, é uma forma de manter a concorrência, obediência, estímulo e o sonho do trabalhador dentro da indústria.

3.2 A formação como constituinte da vida dos Jovens e adultos da EJA

Ao serem perguntados sobre de que maneira acreditavam que a conclusão do ensino médio na modalidade EJA iria ajudá-los a ocupar outra função diferente da que já exercem ou mudar de trabalho as respostas foram às seguintes: a maioria dos entrevistados disse que a

conclusão do ensino médio na EJA irá ajudá-los a inseri-los na vida social. Alguns alunos disseram que estão matriculados na EJA por justamente nessa modalidade de ensino a conclusão da educação básica se dá em menos tempo do que tivessem no ensino médio regular (o ensino médio na modalidade EJA é concluído em apenas um ano e meio) com isso podem entrar no mercado de trabalho mais cedo. A seguir algumas respostas dos entrevistados: “porque vou ter um certificado de concluinte e poder exercer uma profissão”, “o EJA é melhor porque acaba o estudo mais rápido”, “eu acredito que na maioria das vezes o mercado de trabalho exige o ensino completo concluído, pois o EJA facilita a conclusão do ensino”. No comentário dos entrevistados é possível perceber que para eles a única alternativa e expectativa pela conclusão do ensino médio é a entrada no mundo do trabalho, como se essa fosse a única via de acesso a sociedade, sabe-se que esse acesso não irá emancipar os jovens e adultos hoje matriculados na EJA, ao contrário, irá torná-los vítimas da exploração de um mercado cada vez mais controlado e concentrado em manter os indivíduos cada vez mais manipulados:

As transformações ocorridas no mundo do trabalho, advindas principalmente do avanço tecnológico, provocam a expansão, sem precedentes na história da era moderna, do desemprego estrutural e da exclusão social, que atingem o mundo em escala global, configurando o trabalho, dessa maneira, como fundamental, quando, para os frankfurtianos, o trabalho poderia não ser mais dotado do estatuto de centralidade para o entendimento da atividade humana na atual fase do capitalismo dos monopólios da sociedade burguesa. (COSTA, 2005, p. 29)

Ao serem perguntados se a formação que recebem na EJA é voltada para o mercado de trabalho capitalista vemos uma contradição em relação à resposta anterior, pois a resposta da maioria dos entrevistados foi que não acreditavam ou que talvez não acreditem que a formação que estavam recebendo estava solidificada nos princípios ideológicos e culturais do capitalismo. Talvez por falta de informação, acreditam que a instituição escolar na modalidade EJA não esteja a serviço da política capitalista e direcionada para formar um contingente mais rápido para assumir postos de trabalho na indústria técnica, paradoxo se observarmos que a educação de cunho popular é mais coletiva do que individualista, deveria ter um raciocínio mais político do que tecnocrático e deveria ter um respeito maior com a história das comunidades na sociedade aonde se insere (TORRES, 1994).

Percebe-se que nos últimos anos cresceu o número de escolas que oferecem a EJA, principalmente nas periferias das cidades com o objetivo de atingir jovens e adultos em sua maioria desempregados e na idade de assumir uma vaga no mercado de trabalho. Essa estratégia de tornar o acesso a EJA mais fácil é estendida também aos funcionários das grandes empresas e indústrias brasileiras que num horário oposto ao do trabalho são levados a concluir o ensino básico com a promessa de ocupar dentro da própria empresa outros postos de trabalho. Percebe-se que a formação pelo trabalho vem se constituindo, ao longo desses anos, como forma de adaptação e não de emancipação do trabalhador. Na sociedade do consumo, a educação serve apenas para adaptação e reprodução das desigualdades sociais, à opressão, e por tais motivos que a educação popular na América Latina é motivo de varias

críticas negativas, pois, os instrumentos de educação popular estão sempre numa relação dialética de subordinação/desafio/cooptação com as classes dominantes e o Estado (TORRES, 1994).

Para Freire (1996) o ensino e aprendizagem que se diz crítico exigem o reconhecimento e a assunção da identidade cultural dos discentes, é por isso que a formação dos jovens e adultos deve levar em consideração o contexto no qual a escola e os sujeitos estão inseridos. A escola deve promover uma formação que conduza os sujeitos a assumir-se como ser social e histórico como ser reflexivo, dialógico, transformador, criador, realizador de sonhos, reconhecer em si e no outro a capacidade de projetar-se rumo a um futuro melhor.

Nas escolas técnicas espalhadas pelas diversas periferias do Brasil sabemos que o que importa é treinar e não formar indivíduos para ocuparem as vagas ociosas da indústria que acaba por atrofiar a mente dos trabalhadores, nessas escolas a educação promovida não dá importância às experiências informais dos sujeitos nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aulas das escolas, nos pátios e dos recreios, em que vários gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação, Freire (1996). Deparamo-nos no dia a dia com os alunos que freqüentam as escolas técnicas e que trazem estampadas em suas fardas à seguinte frase: “educação voltada para o mundo do trabalho”, entorpecida pela ideologia do mercado, os alunos parecem não se perguntarem que tipo de educação está recebendo? Para que tipos de trabalho estão sendo treinados? Descontextualizada da vida dos sujeitos da EJA o ensino e aprendizagem que temos parece contribuir para que não se reconheçam enquanto sujeitos condicionados. É necessário então numa educação que se desejar formar indivíduos críticos:

Não é possível respeito aos educandos, a sua dignidade, a seu ser formando-se, a sua identidade fazendo-se, senão se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos conhecimentos de experiência feitos com que chegam a escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola (FREIRE, 1996, p. 64).

A leitura de mundo deveria preceder a leitura de palavras, frases ou conteúdos que são ministrados nas escolas, estas parecem que são apenas um acervo de idéias e ideologias que são depositadas nas mentes dos sujeitos que de históricos se tornam marionetes nas mãos da educação técnica que financiada por grandes empresas corporativistas tornam o ensino e aprendizagem cada vez imobilizadora e ocultadora de verdades, como a que se pergunta sobre a qualidade e as condições de trabalho que são oferecidas aos sujeitos na atualidade?

E reacionário a afirmação segundo a qual o que interessa aos operários é alcançar o máximo de sua eficácia técnica e não perder tempo com debates ideológicos que a nada levam. O operário precisa inventar, a partir do próprio trabalho, a sua cidadania que não se constrói apenas com sua eficácia técnica, mas também com sua luta política em favor da recriação da sociedade injusta, a ceder seu lugar a outra menos injusta e mais humana. Naturalmente, reinsisto, o empresário moderno aceita, estimula e patrocina o treino técnico de seu operário. O que ele necessariamente recusa é a sua

formação que, envolvendo o saber técnico e científico indispensável, fala de sua presença no mundo. Presença humana, presença ética, aviltada toda vez que transformada em pura sombra (Freire, 1996, p. 102).

Quando os saberes que são produzidos na escola encontram-se descontextualizados da realidade social daqueles que a recebem acaba por dissimular os fatos e acontecimentos históricos e culturais importantes para indivíduos e grupos sociais. Para Freire (1996) a escola a todo tempo está produzindo ideologias, que podem ser benéficas ou maléficas para o ser humano, enquanto ocultadora da verdade, a ideologia faz com que os sujeitos não reconheçam os discursos fatalistas neoliberal que estão por traz da escola. Na atual realidade educacional brasileira se difunde o discurso de que a formação técnico- científica vai ser a salvação para todos os problemas relacionados aos problemas da educação e da falta de emprego para milhares de jovens e adultos que se encontram inseridos e fora do mercado de trabalho espalhados pelas periferias do país, tal discurso de conotação neoliberal não deixa transparecer que o enfrentamento a má qualidade da educação e da falta de trabalho no Brasil são decorrentes de fatores históricos:

[...] nenhuma teoria da transformação político-social do mundo me comove sequer, se não parte de uma compreensão do homem e da mulher enquanto seres fazedores da historia e por ele feitos, seres da decisão, da ruptura, da opção. Seres éticos, mesmo capazes de transgredir a ética indispensável, algo de que tenho insistentemente falado neste texto. Tenho afirmado e reafirmado o quanto realmente me alegra saber-me um ser condicionado mas capaz de ultrapassar o próprio condicionamento. A grande força sobre que alicerçar-se a nova rebeldia é a ética universal do ser humano e não a do mercado, insensível a todo reclamo das gentes e apenas aberta à gulodice do lucro. É a ética da solidariedade humana (FREIRE, 1996, p. 102).

Sabemos que eticamente o ensino e aprendizagem técnico - científica não está preocupada com uma formação humana dos sujeitos, mas seu objetivo principal é a formação instrumentalizada, vários Jovens e adultos em busca do sondo do primeiro emprego acabam se submetendo a uma formação profissionalizante voltada para o trabalho na industria que só visa o lucro e não a emancipação dos sujeitos.

3.3 O trabalho capitalista *versus* trabalho solidário: em busca de uma alternativa viável

Ao ser feita a pergunta aos alunos da EJA se eles acreditavam que possa haver outro modelo de trabalho que não esteja atrelado aos princípios econômicos do capitalismo, procurou-se observar se esses jovens e adultos pelos menos crêem que possa existir um mundo diferente e mais feliz e, conseqüentemente, uma superação do trabalho que gera a violência e a exclusão. A maioria das respostas evidenciadas no questionário é “não”, sem nenhuma justificativa a mais, isso demonstra a fragilidade dos jovens e adultos em relação à política econômica capitalista que cria uma sociedade totalitária e unidimensional capaz de levar os indivíduos a não acreditar que possa haver uma mudança na atual conjuntura

socioeconômica do país, tanto de consciência por parte dos indivíduos quanto uma tomada manifesta por parte da sociedade:

Explicita-se, dessa forma, a face mais perversa ou mais bárbara de nossa época: problematizou-se o trabalho que, de direito fundamental, de fator estruturante da vida material, cultural e psicológico dos indivíduos, ameaça torna-se não essencial, enfatizando a contradição com o capital a que serve para garantir sua reprodução. De fonte de atendimento às necessidades, o trabalho parece estar sendo transformado em fonte de problemas: em torno dele gravitam os que estão dentro e fora do mundo do trabalho, ou seja, os integrados e os segregados da sociedade. (COSTA, 2005, p. 34)

A última pergunta do questionário foi direcionada aos alunos da EJA afim de saber se eles já ouviram falar de economia solidaria ou trabalho solidário. Três pessoas responderam sim a essa questão: “sim, uma associação comunitária campo d`angola em são Jose da mata”, “sim (TV)”, “sim, em uma associação comunitária, na serra do maracajá”. As respostas foram bem sucintas, não lembrando o nome da instituição, com que trabalham etc. O restante dos alunos entrevistados responderam que “não” ouviram falar de economia solidária nem de trabalho solidário. Apesar dos avanços conseguidos pela política da economia solidaria nos últimos anos no Brasil a partir do governo Lula com a criação da SENAES, Secretaria Nacional de Economia Solidária, sabe-se que sua divulgação ainda é feita de forma muito restrita, principalmente pela mídia e por meio das instituições sociais que estão a serviço da política capitalista.

Alunos da EJA que se encontram atualmente fora do mercado de trabalho

3.4 O trabalho como constituinte da vida dos indivíduos: formando sujeitos autômatos

Dos trinta alunos da EJA que participaram da pesquisa treze estão fora do mercado de trabalho formal (aquele em que o trabalhador possui direitos e deveres estabelecidos pela CLT, e, estão vinculados a um dos setores da economia: indústria, comércio e outros), ao serem questionados por quais motivos acreditam estar fora do mercado de trabalho a maioria respondeu como causa não ter concluído o ensino médio ou curso profissionalizante, outros disseram que terminaram o curso profissionalizante mas ainda não conseguiram um emprego e ainda outros culpam as empresas de exigirem no momento da contratação experiência na área, essa experiência deve ser comprovada em carteira de trabalho. Assim, não basta apenas ter a qualificação para ocupar o cargo pretendido. A partir das respostas dadas, percebemos que o mercado de trabalho na sociedade capitalista acaba sendo cruel não só pra quem está atualmente trabalhando, mas também com o enorme contingente de jovens e adultos que espera uma vaga no mercado de trabalho.

Ao serem questionados de que maneira esses jovens e adultos que estão atualmente fora do mercado de trabalho acreditam que a conclusão do ensino médio na modalidade EJA poderá ajudá-los a se inserirem no mercado de trabalho, as respostas são bem confiantes por parte dos entrevistados: “vai ajudar no conhecimento, pois vou ter mais acesso a área de

trabalho”, “vai ajudar muito, pois, as empresas questionam muito essa parte de ter ensino médio concluído”. Vê-se que o desejo de concluir o ensino médio tem como objetivo arrumarem um trabalho parece que único objetivo do ensino e da aprendizagem da escola é o mercado de trabalho capitalista. Não há uma preocupação dos alunos em terminarem o ensino médio e adentrarem numa universidade ou que a conclusão do mesmo possa trazer-lhes oportunidades outras que não seja o do trabalho, vemos com isso como a ideologia capitalista está cada vez mais difundida entre os jovens e adultos, fruto de uma educação e cultura do consumismo presente na sociedade atual. No entanto, existem conjunturas sociais onde a educação popular é essencialmente uma força contra hegemônica, uma ação cultural libertadora. Porém, num outro momento histórico, a educação popular pode participar de uma nova hegemonia e exercer uma ação cultural relacionada com a construção de um novo poder (TORRES, 1994).

Ao serem questionados se a formação que recebem é voltada para o mercado de trabalho capitalista as respostas foram quase unânimes e todos acreditam que a escola forma “sim” indivíduos autômatos que irão ocupar uma vaga no mercado de trabalho capitalista, e que, não acreditam que possa haver outro modelo de trabalho que não esteja vinculado aos princípios da economia capitalista, com relação às instituições, portanto, como representantes da ordem social vigente, tem ações terapêuticas guiadas por um paradigma, o modelo de normalidade adotado pela sociedade burguesa (COSTA, 2005).

Ao serem questionados se já ouviram falar de economia solidária ou trabalho solidário a maioria responderam que “não” e uns três alunos deram as seguintes respostas: “sim, doutores da alegria, e algumas pessoas que doam para entidades”, “já ouvi falar em trabalho solidário, em programas de TV; internet, etc.”, “sim, instituições e etc.” essas respostas mostram que é preciso haver, por parte das instituições que trabalham com a economia solidária no Brasil, uma divulgação maior dos seus trabalhos, e as escolas junto com as entidades governamentais e de bairro devem empenhar-se em divulgar a pedagogia da economia solidária como forma mostrar aos jovens e adultos que existem outras possibilidades de vida e de trabalho diferente do que é ideologizado pela política capitalismo.

Considerações finais

A partir das discussões abordadas no decorrer deste trabalho acerca da articulação da EJA e o mundo do trabalho na sociedade capitalista compreendido a partir da teoria crítica da escola de Frankfurt, principalmente de Herbert Marcuse, vimos que a formação nesta sociedade está vinculada ao modo de produção e da indústria técnica, própria da cultura de consumo e massificação das necessidades que se estabeleceu desde o século XX.

Diante de um mundo totalmente administrado pela indústria técnica, em que subverte a ética humana em ética de mercado, passando pelas etapas dos processos de produção, circulação e consumo nas suas relações humanas, econômicas, políticas e culturais resta aos indivíduos se submeterem e se adaptarem a um trabalho cada vez mais alienante e explorador.

O trabalho tal como é concebido na sociedade capitalista não atua para a promoção da vida, mas é tão somente trabalho que oprime e que não emancipa. Observou-se que sob o princípio de desempenho, cuja realidade é vivida a partir do que a indústria técnica agencia para os indivíduos, não se pode falar de um trabalho justo, que respeita o meio ambiente e os seres humanos, pois desde o século XX até os dias atuais percebe-se que o trabalho corresponde ao afã do lucro capitalista das grandes empresas multinacionais e das elites políticas que as amparam em todo mundo.

Para Marcuse as pessoas deveriam ser mais importantes do que o lucro, em vez de ser incentivada a competição deveria formar a consciência política dos jovens e adultos para que todos pudessem viver da dignidade do seu trabalho. Tendo em vista que a educação é responsável pela formação humana, no decorrer da análise das entrevistas com os jovens e adultos da EJA, observou-se o quanto é importante e urgente uma educação que estabeleça um processo de mudança cultural e ideológica dentro da escola, pois, a possibilidade de uma sociedade democrática só é possível se concebida por indivíduos emancipados e esta deve ser a finalidade da educação, que deve ser um indicador de mudança social não apenas um indicador de números, pois, percebe-se que, cada vez mais se intensifica a qualificação de jovens e adultos para assumirem postos de trabalho na indústria técnica.

Com Marcuse, as bases para a superação do mundo do trabalho capitalista já estão dadas na contemporaneidade, mais do que em outra época, as bases materiais de produção já são suficientes para que os indivíduos possam viver uma vida mais digna e mais feliz, mas isso só é possível com uma formação voltada para experiência, isto é, formar para a emancipação, para a produção de consciências críticas capazes de pensar sobre o mundo presente e tirar delas suas próprias conclusões.

Referências

CHAUI, Marilena. Iniciação à filosofia. São Paulo: Ática, 2010

COSTA, Valdelúcia Alves da. Formação e teoria crítica da escola de Frankfurt: trabalho, educação, indivíduo com deficiência. Niterói: Eduff, 2005.

DELACAMPAGNE, Cristian. História da filosofia no século XX. Tradução: Lucy Magalhães, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

Economia solidária: caderno pedagógico educandas e educandos. Coordenação: Armênio BelloSchimid, Sara de Oliveira Silva Lima, Wanessa ZavareseSechim. Brasília: Ministério da Educação, secretaria de educação continuada, Alfabetização e diversidade, 2010.

GONZAGA, Amarildo Menezes. A pesquisa em educação: um desenho metodológico centrado na abordagem qualitativa. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro (Org.). Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetos complexos. Edições Loyola, 2006.p.65-92.

IANNI, Octavio. Teorias da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

JAPIASSÚ, Hilton. MARCONDES, Danilo. Dicionário básico de filosofia. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

MARCUSE, Herbert. A ideologia da sociedade industrial. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____ Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 5 ed. Jorge Zahar Editor, 1972.

_____ Cultura e Psicanálise. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

MAAR, Leo Wolfgang. A educação pela revolução. São Paulo, n. 127p.44-47, agosto, 2008

PAULO, Freire. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

TORRES, Carlos Alberto. Educação de adultos e educação popular na América Latina: implicações para uma abordagem radical de educação comparada. In: GADOTTI, Moacir. TORRES, Carlos Alberto. Educação popular: utopia Latino-Americana. São Paulo: Cortez, 1994. Cap. 16, p. 249-266.

